



**A IMPORTÂNCIA DE UM OLHAR INDIVIDUALIZADO VOLTADO AOS ALUNOS
COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E/OU EM PROCESSO DE INCLUSÃO
THE IMPORTANCE OF AN INDIVIDUAL VIEW FOCUSED ON STUDENTS WITH
LEARNING DIFFICULTY AND/OR IN THE PROCESS OF INCLUSION**

LIMA, Megue Conceição de¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo demonstrar o quanto é importante que as dificuldades de aprendizagem sejam percebidas já na Educação Infantil para que estratégias interventivas sejam tomadas, evitando-se que o problema cresça e a solução se torne cada vez mais difícil. Verifica-se que em alguns casos, a dificuldade de aprendizagem se insere na inclusão, porém, o foco deste trabalho não está voltado às especificidades do processo inclusivo, mas se direciona para situações gerais de um cotidiano de sala de aula, buscando-se refletir sobre a atuação docente. Para este estudo, foi utilizada como método a revisão bibliográfica, por meio da leitura de livros, legislações pertinentes ao processo de inclusão e dificuldades de aprendizagem, bem como artigos e textos. Nesse contexto, verifica-se que o olhar individualizado de acordo com as dificuldades de aprendizagem apresentadas e a adoção de estratégias e metodologias interventivas, bem como suporte psicopedagógico em conjunto com a atuação docente, família e escola, são indispensáveis para a resolução da problemática que aqui se apresenta.

Palavras-chave: Dificuldades de Aprendizagem. Inclusão. Olhar Individualizado.

ABSTRACT

This article aims to demonstrate how important it is for learning difficulties to be perceived already in Early Childhood Education so that intervention strategies are taken, preventing the problem from growing and the solution becoming increasingly difficult. It appears that in some cases, the learning difficulty is part of inclusion, however, the focus of this work is not focused on the specificities of the inclusive process, but is directed to general situations of everyday life in the classroom, seeking to reflect about teaching performance. For this study, a bibliographic review was used as a method, through the reading of books, legislation relevant to the process of inclusion and learning difficulties, as well as articles and texts. In this context, it appears that the individual look according to the learning difficulties presented and the adoption of intervention strategies and methodologies, as well as psychopedagogical support together with the teaching, family and school performance, are indispensable for the resolution of the problem that here is presented.

¹Aluna do curso de Pós Graduação – Deficiências Intelectuais e Múltiplas 360 horas.nacional UNINTER. Artigo apresentado como requisito para a conclusão de curso. Faculdade FaSouza.

Keywords: Learning Disabilities. Inclusion. Individualized Look.

1. INTRODUÇÃO

Percebe-se que é muito comum na atuação docente, verificar que alunos dos anos finais carregam dificuldades que poderiam ter sido sanadas na Educação Infantil ou Anos Iniciais, desde que naquela fase houvesse um olhar individualizado frente a essa problemática, valendo-se de estratégias metodológicas e busca por auxílio logo no começo.

Diante dessa percepção, pelo fato de que os futuros professores vão se deparar com a constante problemática das dificuldades e transtornos de aprendizagem, bem como situações de inclusão, optou-se por redigir sobre esse problema, pois apesar de ser muito comum, ainda não se observam soluções efetivas, devido a uma série de fatores, tais como, falta de suporte psicopedagógico, ausência da família, desmotivação do professor, conteúdos engessados, omissão da gestão escolar, indisponibilidade de recursos e tempo hábil para atuação docente, entre outros aspectos intrínsecos e extrínsecos à sala de aula.

Sabe-se que poucas são as escolas que estão preparadas para receber o aluno que tenha deficiência ou transtornos de aprendizagem e até mesmo os que possuem dificuldade de aprendizagem. Muitas vezes, o professor não se sente preparado para atender adequadamente às necessidades desse aluno; outras, se dispõe, porém, não tem o suporte da gestão. Há também o problema de aceitação da própria turma em que está sendo incluído – mais uma vez cabendo ao professor fazer as intervenções necessárias, pois isso também faz parte do aprendizado dos demais educandos, com os quais deve ser trabalhada a conscientização do diferente e diversidades.

Diante disso, com este estudo pretende-se contribuir com a pesquisa de demais estudiosos sobre o tema e promover a reflexão sobre o problema abordado, visto que o aluno que apresenta dificuldade na fase inicial de aprendizagem necessita de um olhar diferenciado, direcionado e mais humanizado, para que o problema, se não sanado, ao menos seja amenizado, o que somente é possível com o trabalho conjunto da escola, família e professor, questionando-se teorias e práticas educativas,

de modo a adotar, por parte do docente e escola, uma atitude profissional crítico-reflexiva e, por parte da família, uma participação mais efetiva na vida escolar.

Para isso, buscou-se a metodologia de revisão bibliográfica, com base em leitura de artigos e livros correspondentes ao tema e que possibilitaram a fundamentação teórica científica do mesmo. Dessa forma essa pesquisa baseou-se nos seguintes autores: BARBOSA (2001), BORDENAVE (2207), VIEIRA (2014), FONSECA (1995) dentre outros.

2. COMPREENSÃO DA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

A dificuldade de aprendizagem pode estar relacionada com diversos fatores, como: os métodos pedagógicos, a metodologia utilizada, o ambiente escolar e até mesmo com motivos do contexto de vida do aluno. A dificuldade de aprendizagem está ligada a um aluno que possui uma maneira diferente de aprender, devido ao um bloqueio que pode ser emocional, cultural ou cognitivo. Essa questão se trata de questão psicopedagógica, ou seja, pode ser resolvida no ambiente escolar.

Dentre várias tentativas para definir as dificuldades de aprendizagem, a maioria delas se concentram em fatores orgânicos, culturais e sociais. A definição de dificuldades de aprendizagem segundo Fonseca:

Dificuldades de Aprendizagem (DA) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e do raciocínio matemático. Tais desordens, consideradas intrínsecas ao indivíduo, presumindo-se que sejam devidas a uma disfunção do sistema nervoso central, podem ocorrer durante toda a vida. Problemas na autorregulação do comportamento, na percepção social e na interação social podem existir com as DA. Apesar das DA ocorrerem com outras deficiências (por exemplo, deficiência sensorial, deficiência mental, distúrbios socioemocionais) ou com influências extrínsecas (por exemplo, diferenças culturais, insuficiente ou inapropriada instrução, etc.), elas não são o resultado dessas condições. (1995, p.71)

Segundo Barbosa (2001), pode-se considerar que há dificuldade de aprendizagem quando se constata problemas na emissão, conexão ou recepção de informações, bem como de percepção e memória. Neste caso, o tratamento poderá

envolver a medicina ou outras especialidades, ou seja, a participação de uma equipe multidisciplinar, composta, por exemplo, por psicólogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo, entre outros, conjuntamente com o envolvimento e participação essencial da escola e da família. Portanto, quando o aluno tem dificuldade, por exemplo, de se expressar tanto verbalmente quanto por meio da escrita, ou em formular o pensamento em forma de palavras, dificuldades na interpretação, percepção, assimilação e armazenamento das informações, pode-se afirmar que esse aluno tem dificuldades de aprendizagem.

O mesmo autor diferencia as dificuldades de aprendizagem dos transtornos de aprendizagem, já que, segundo ele, os transtornos de aprendizagem são manifestados por dificuldades específicas geralmente devido a uma disfunção no sistema nervoso central. Todavia, os transtornos não serão tratados neste artigo, pois o tornaria extremamente amplo. Sendo assim, o foco está na questão da dificuldade de aprendizagem, que merece um olhar mais individualizado e humanista, considerando alguns fatores que influenciam o desenvolvimento e a aprendizagem (BARBOSA, 2001).

Diante disso, detectada uma dificuldade de aprendizagem, o papel do professor deve ser o de facilitar o processo. Quando percebida, o docente deve trabalhar com estímulo nas aulas, buscando materiais e recursos diferenciados para ajudar no processo de ensino e aprendizagem.

Para Visca (1987, *apud* BARBOSA, 2001), o professor precisa saber o que os alunos já conhecem sobre o tema a ser trabalhado, para adequar e contextualizar a informação ou a exigência, aproximando o conteúdo de um nível compatível à competência deles para que possam acompanhar e estudar, crescendo com o conhecimento adquirido.

Com o exposto, observa-se, portanto, a necessidade da percepção de um olhar diferenciado, quando o professor leva em consideração o ambiente e a realidade em que o aluno vive para poder contextualizar, problematizar e formular perguntas, as quais dependem do conhecimento de mundo que o educando tem. Assim, quando algum aluno se distanciar muito do tema, parecer alheio a ele, será preciso buscar recursos para que continue aprendendo sem ser excluído do processo. Desta forma,

o professor deve ter a capacidade de trabalhar com diferentes níveis de compreensão, utilizando uma dinâmica capaz de acolher, sem gerar no grupo sensações ou sentimentos de inferioridade ou superioridade.

Outro aspecto a ser considerado por Visca (1987, *apud* BARBOSA, 2001) é o afetivo e que também se refere aos medos que o aprendiz tem ao se deparar com um novo conhecimento a ser aprendido. Quando o professor percebe o medo, poderá tomar atitudes que incentivem o educando a superar o medo, estabelecendo um vínculo positivo com as situações de aprendizagem, auxiliando na superação da dependência e aquisição da autonomia, por meio de elogios e incentivo a cada conquista, por menor que seja, pois atitudes assim auxiliam na melhora da autoconfiança e autoestima, bem como na autonomia do aluno que se encontra com dificuldades, gerando uma maior confiança em sua capacidade de aprendizagem.

Já o obstáculo funcional, para o autor, diz respeito às questões orgânicas e àquelas ligadas ao funcionamento do pensamento, as quais necessitam de um conhecimento mais específico do professor sobre as várias formas de abordar um assunto, para que eles possam compreender a diversidade e se posicionarem diante da produção de seus alunos, pois quando se espera somente uma forma de funcionar, há maiores lances de considerar possuidores de dificuldades de aprendizagem aqueles que não se aproximam dessa forma.

Assim, diante de todo esse estudo verificou-se que é de suma importância descobrir as causas das dificuldades, e, se for o caso, encaminhar o aluno para a intervenção necessária, que pode se dar fora da sala de aula – daí a importância da percepção aguçada do professor, que por vezes detecta a dificuldade ou transtorno, antes mesmo da própria família.

2.1. IMPORTÂNCIA DE UM OLHAR DIFERENCIADO VOLTADO À CRIANÇA COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E/OU EM PROCESSO DE INCLUSÃO

Poucos são os professores que desejam assumir turmas em fase de alfabetização. O motivo da falta de interesse é porque os docentes, além de enfrentarem os problemas já conhecidos de uma sala de aula, também são muito

cobrados se o aluno não consegue ler e escrever, pois “o momento crucial de toda a sequência da vida escolar é o momento da alfabetização” (LEMLE, 2007, p. 4).

Nessa fase inicial, são percebidos muitos problemas de aprendizagem, então se faz necessário professores entusiasmados e que queiram mudar essa realidade. Porém, não é somente o aluno com dificuldade que precisa de ajuda, o docente também necessita de suporte para trabalhar de maneira realmente efetiva para sanar ou ao menos atenuar de maneira significativa o problema.

Ao professor deve ser ofertado suporte do psicopedagogo institucional, que deverá atuar junto ao docente, analisando a queixa inicial, a fim de criarem estratégias metodológicas que contribuam com o processo de ensino daqueles que possuem dificuldades de aprendizagem.

Durante o período de aprendizagem escolar, muitas são as capacidades e aprendizagens necessárias a serem desenvolvidas e espera-se que os alunos consigam alcançar os objetivos propostos para aquele nível, muitas vezes sem levar em consideração outros princípios do desenvolvimento, tais como o físico, motor, intelectual, cultural, social, entre outros.

Considerando todo esse contexto percebeu que o trabalho de alfabetização, que já é extremamente complexo, torna-se ainda mais difícil quando a turma é numerosa, além da professora não contar com auxiliar, não conseguindo, assim, ter um olhar diferenciado e dar o suporte necessário para aqueles que apresentam as reais dificuldades.

Além dos notórios casos de dificuldades de aprendizagem, também há outros tipos de alunos de inclusão, tais como: autistas, TDAH (Transtorno com Déficit de Atenção e Hiperatividade) e Síndrome de Prader Willi, que, segundo o Guia Médico para profissionais da saúde, é uma desordem genética devido à perda de função de genes específicos, cujos sintomas incluem músculos fracos e desenvolvimento lento, portanto, indispensável seria um atendimento especializado, bem como um olhar individualizado voltado a esses alunos por se tratar de situação de inclusão, surgindo a necessidade de um suporte maior não só para eles, como também para a professora.

Conforme Manual de Orientação do Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais, instituído pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2010), para atuar no Atendimento Educacional Especializado (AEE), o professor deve ter formação inicial que o habilite para o exercício da docência e formação específica na educação especial.

Não é o bastante, nessa situação, a formação do docente com todas as suas especialidades se não houver suporte necessário, como por exemplo, presença de uma auxiliar para que a professora possa trabalhar de maneira mais individualizada, atendendo em especial os casos de dificuldades de aprendizagem e inclusão.

O suporte de um psicopedagogo também é indispensável, pois esse profissional irá traçar, junto ao professor, estratégias e buscar recursos pedagógicos considerando as necessidades específicas desses alunos, orientando os professores e também as famílias. Sem esse atendimento especial, não há inclusão e o professor não conseguirá alcançar êxito, pois se percebe que essa ausência interfere até mesmo no rendimento do restante da turma.

Conforme a Política de Educação Especial (BRASIL, 2008), os alunos com deficiência e os que pertencem à Educação Especial, precisam ser atendidos em suas especificidades para que possam participar ativamente do processo de ensino e aprendizagem comum. Mas, infelizmente, é notório que muitas escolas não oferecem atendimento especializado e o professor tem que lidar com turmas mistas, muitas vezes sem apoio especializado ou psicopedagógico.

Assim, a inclusão dos alunos com dificuldades de aprendizagem ou com necessidades especiais necessita passar pela tomada de consciência dos professores, que devem considerar a diversidade e as necessidades individuais dos alunos, pois “a educação inclusiva se apoia na premissa de que é preciso olhar para o aluno de forma individualizada e colaborativa, contemplando suas habilidades e dificuldades” (PAPA, 2015, p. 02).

Conforme Bordenave e Pereira (2007) é necessário adotar estratégias metodológicas que ofereçam ao aluno oportunidades para viver as experiências propostas, estruturando as atividades, ou seja, estabelecendo situações de ensino-

aprendizagem que possibilitem uma grande probabilidade de que realmente haja participação e compreensão do processo.

Ainda no que diz respeito a isso, Solé (1999) identificou estratégias que podem ser utilizadas pelo docente para atingir positivamente todos os alunos, tais como: planejamento, aula expositiva, debates, dramatização, pesquisas, projetos, trabalhos em grupos, atividades em dupla, entre outros.

No caso de atividades em grupo ou dupla, o mesmo autor afirma que quando os alunos estudam juntos, podem se beneficiar com os estímulos e modelos comportamentais uns dos outros. Como na turma observada havia caso de inclusão e em especial o TDAH, o estudo em grupo era um pouco dificultado em relação a participação colaborativa da turma. Por mais que os alunos tivessem paciência, os alunos com dificuldades de aprendizagem, por não terem autonomia suficiente, acabavam se irritando ou deixando com que o outro fizesse a atividade sozinho – momento em que a regente intervinha com motivação e diálogo, mas muitas vezes não conseguia administrar devido o restante da turma já ter perdido o foco. Difícil a situação, pois para não excluir, procurava integrar e não dar atividade diferenciada.

Assim, colocar em prática uma ação educativa inclusiva e ser capaz de atender às necessidades educacionais dos alunos não é tarefa fácil, pois deve desenvolver, além da interdisciplinaridade, estratégias de intervenções pedagógicas específicas que, assegurem melhor qualidade do ensino, levando em consideração as necessidades individuais em sala de aula.

Importante destacar que a Educação Inclusiva tem como fundamento os princípios estabelecidos pela Constituição Federal de 1988, especificamente em seu artigo 206:

- Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
- I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
 - II- Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
 - III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
 - IV - Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; [...]
 - VI - Gestão democrática do ensino público, na forma da lei;
 - VII - Garantia de padrão de qualidade.

Também o Artigo 208 da Constituição Federal de 1988, assim se refere:

Art. 208.

III- Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV- O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público e subjetivo.

V Acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

Nota-se, portanto, que ainda há muitos desafios sobre a inclusão escolar, que está garantida na teoria, mas que na prática carece de falta de suporte e habilitação. Apenas ter acesso às escolas não atende a exigência legal na sua integralidade, pois não garante educação igualitária e incluir não é simplesmente matricular o aluno, frequentar a escola e achar que já está incluído.

A aquisição da qualidade de ensino deve se tornar uma ação contínua, por meio da qual o aluno com dificuldades tenha atendimento que supra suas necessidades de aprendizagem de fato.

Por certo, a inclusão não é rápida e nem fácil, por isso é que devemos falar sobre processo de inclusão, pois todo processo demanda tempo e dedicação. O gestor escolar e toda a equipe pedagógica devem contribuir para o processo de inclusão. Sendo assim, torna-se claro que a escola deve acolher a todos os alunos de maneira a suprir suas necessidades, independente quais são, fazendo-se necessário elaborar planos e estratégias para atender as necessidades cada aluno.

Verifica-se, portanto, que a inclusão é a disposição de compreender e de reconhecer o outro, integrando-o e convivendo com suas diferenças. A educação inclusiva não pode simplesmente ficar nos discursos e palavras, mas precisa de ações que busquem aceitar, respeitar e valorizar o aluno, com suas diferenças.

Nesse sentido, dispõe Papa (2015, p. 02):

“O objetivo do professor é estar aberto para conhecer cada aluno que encontrar nas salas; isso é mais importante do que ter conhecimentos isolados sobre as deficiências e suas dificuldades. Para ser bom professor, não precisa conhecer uma lista infindável de teorias, mas é fundamental que tenha consciência de que o trabalho educativo passa, necessariamente, por conhecer e perceber o aluno como sujeito e desenvolver suas potencialidades. Conhecendo e amando esse sujeito, tem-se a possibilidade

de mediar com eficiência o processo ensino-aprendizagem e favorecer o seu pleno desenvolvimento. “

Percebe-se, que, embora se fale muito no assunto, ainda existem grandes desafios sobre a inclusão escolar, tendo em vista alcançar a educação como direito de todos.

A escola é um lugar de aprendizagem e desenvolvimento onde os alunos devem aprender sobre relacionamentos, valores, ciências, vida e sociedade, enfim, deve ocorrer o desenvolvimento social, psíquico e intelectual. Portanto, as limitações de alunos não devem ser vistas como empecilhos na educação, mas incentivo que leve os gestores e professores a prepararem estratégias metodológicas e ambientes propícios para a aprendizagem de todos.

Segundo Vieira e Cirino, a queixa de dificuldade ou transtorno de aprendizagem é o ponto inicial para o diagnóstico e é por meio dela que se deve fazer uma intervenção.

A queixa deve ser “[...] analisada a partir de uma visão sistêmica [...] ampliando para o contexto familiar e escolar, de forma que se atribua um papel ativo a esses agentes, no processo de potencialização da aprendizagem e superação dos obstáculos. (VIEIRA; CIRINO, 2014, p. 21).

O olhar diferenciado acontece quando se compreende que cada sujeito tem sua forma de aprender, ou seja, meios, condições e limites para se aproximarem do conhecimento e construir o seu processo de aprendizagem, alcançando o saber. Assim, o ideal é que, quando um aluno apresentar a problemática de dificuldade ou transtorno de aprendizagem, o professor faça a constatação em sala de aula e solicite uma avaliação psicopedagógica.

Desta forma, deve-se colocar em evidência o aluno com dificuldade e intervir, realizando os devidos encaminhamentos (psicológicos, psicopedagógicos, fonoaudiólogos, entre outros) para que outros profissionais contribuam para a solução ou amenização do problema, a fim de promover uma aprendizagem significativa, respeitando-se as peculiaridades e singularidades de cada aluno.

2.2. DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Apontar uma causa apenas que leva o aluno a ter dificuldade de aprendizagem, talvez seja inadequado, pois existem diversos fatores que podem ajudar que isso ocorra se levarmos em conta que podem ser trabalhadas, estimuladas outras áreas para que essas compensem aquelas com mais dificuldade, mas não podemos pensar que um aluno com disfunção no sistema nervoso, que é considerado como incapaz, não precise da atenção dos professores para superar suas dificuldades. Por essa e muitas outras situações é que os professores, os profissionais envolvidos na educação precisam ter conhecimento para lidar, diagnosticar, avaliar esse aluno para que o mesmo possa ter um ensino de qualidade, inclusivo e que realmente o ajude a superar suas dificuldades dentro e fora da escola. Deve ainda adequar suas aulas, de uma forma que facilite a compreensão e a aprendizagem de todos, motivando e auxiliando os alunos a obterem bons resultados através das práticas pedagógicas. Não se pode limitar-se a uma definição para o termo dificuldade de aprendizagem, e sim se preocupar em dar um ensino, educação de qualidade para os alunos. Educar um indivíduo pressupõe transformá-lo, ajudá-lo a desenvolver suas potencialidades, tentando descobrir outras. É preciso levar em conta o fator genético, ambiental e a interação entre os dois elementos é que a educação passará a modificar (NOVAES, 1972).

“O maior causador de problemas de aprendizagem é a escola, porque geralmente não se preocupa em saber como é a vida do aluno fora do âmbito escola, ou seja, como é sua vivência em família, se há dificuldades financeiras ou emocionais no convívio familiar, ou se apresenta algum distúrbio neurológico que podem levar a criança a desenvolver problemas na aprendizagem.” (PILETTI, 2002, P. 146).

Ao invés de tentar uma definição para dificuldades de aprendizagem, se deve pensar que existem indivíduos com essas dificuldades que precisam de atenção, estímulos para superar seus obstáculos de maneira individual, mas que são capazes de se superar. Portanto, os profissionais da educação, os familiares desses alunos devem incentivar buscar compreender os motivos que levam esses alunos a terem essas dificuldades, estimular seu desenvolvimento, buscar estar presente no dia a dia dessas crianças para que possam, assim, ajudar cada vez mais o desenvolvimento das mesmas as tornando cidadãos responsáveis, capazes de atender as demandas

do mundo fora da escola. Quando houver mais profissionais e familiares capacitados para compreender e saber diagnosticar essas crianças logo cedo, não teremos tantas crianças com essas dificuldades, sofrendo com isso, sendo julgadas dentro e fora da escola.

3. METODOLOGIA

O presente artigo foi realizado valendo-se da metodologia de revisão bibliográfica, leitura esta realizada em livros, legislação e artigos disponibilizados na Internet.

Esse artigo tem o foco maior nos problemas de aprendizagem como: a preparação dos professores, o suporte que é dado aos professores na sala de aula com ou sem alunos de inclusão, a relação professor e aluno, que podem interferir no aprendizado e importância de um diagnóstico precoce desses alunos com dificuldade de aprendizagem para que possam ser tratadas de maneira correta. O tema foi escolhido pelo fato de ser um assunto bem discutido entre os profissionais da educação nos últimos anos. Esse assunto vem sendo pauta de muita discussão entre professores, psicólogos, psicopedagogos, pois esse problema interfere diretamente em sala de aula e suas causas não são tão fáceis de serem detectadas e visto que a dificuldade de aprendizagem é uma das causas de maior índice de reprovação nas primeiras séries dos anos iniciais do ensino fundamental.

Segundo Gil (1999), a pesquisa se caracterizou por um estudo exploratório, ou seja, é um trabalho que envolve o levantamento bibliográfico, dessa forma esse tipo de estudo visa proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador sobre o assunto, visando proporcionar uma visão geral sobre o fato. Conforme TRIVIÑOS (1987, p.109), “os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema”. O autor salienta também que pode servir “para levantar possíveis problemas de pesquisa” (TRIVIÑOS, 1987, p.109)

Dessa forma essa pesquisa baseou-se nos seguintes autores: BARBOSA (2001), BORDENAVE (2207), VIEIRA (2014), FONSECA (1995) dentre outros.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato com a futura realidade profissional favoreceu a reflexão sobre as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas, gerando indagações e aquisição de uma postura questionadora e reflexiva diante do processo de inclusão, sendo possível observar a necessidade de um olhar individualizado quando se fala em dificuldades de aprendizagem e inclusão.

O tema proporciona reflexões sobre a atuação docente, a importância de suporte psicopedagógico e da gestão da escola. Refletiu-se, também, sobre o quanto grande é o desafio de ser professor, quantas habilidades e competências esse profissional deve ter e quantos problemas deve enfrentar, sem perder o entusiasmo e sem desmotivar os alunos.

Deparar-se com uma turma de inclusão e com alunos com dificuldades de aprendizagem é um choque de realidade que incita muitos questionamentos e reflexões sobre o processo educativo. Pois, por mais que o docente se esforce para atender as individualidades, tendo um olhar mais direcionado, humanizado e individualizado aos alunos com dificuldades de aprendizagem ou em processo inclusivo, esse processo não depende só dele, necessita de suporte, apoio familiar e da própria escola, aceitação da turma e do aluno.

Assim, pode-se ter uma pequena ideia de como é no espaço escolar, a vivência em sala de aula com alunos em processo de inclusão. Essa reflexão com base nas experiências dadas pelos autores aqui apresentados é de suma relevância para que se repense a respeito da atuação docente e perceba o quanto essa profissão interfere na vida do educando, principalmente, na Educação Infantil e séries iniciais, em que o vínculo também é bem mais afetivo.

O professor que exerce com prazer a profissão, que é motivado e tem todo um suporte, consegue transformar vidas, mudar realidades. O professor de Educação infantil e Séries Iniciais, principalmente, deve estabelecer um vínculo afetivo com seus alunos para que o processo de ensino e aprendizagem, por vezes tão maçante, torne-se prazeroso, mesmo para aqueles que apresentam dificuldade de aprendizagem, mas teve a sorte de ter um professor que o notou e identificou a dificuldade logo no

início, podendo propor a esse aluno estratégias metodológicas diferenciadas capazes de contribuir eficazmente com a construção do seu aprendizado.

Foi possível perceber que quanto mais se ensina, mais se aprende. Talvez seja possível até mesmo afirmar que o professor aprende mais e tem um crescimento ainda maior que o proporcionado ao aluno, pois ao longo de sua missão aprofunda as suas competências e potencialidades, se atenta para as suas fragilidades e trabalha suas frustrações. Podendo assim notar o crescimento diário não só dos alunos como também da professora, que evolui a cada dia ao notar as necessidades individuais e buscar propor ações flexíveis, permitindo uma adequação da metodologia de acordo com as dificuldades de cada um – o que é um diferencial pedagógico.

Diante das reflexões apresentadas, tornam-se evidentes as contribuições que um atendimento educacional especializado proporciona aos alunos com dificuldades ou distúrbios no processo de aprendizagem, em especial na Educação Infantil, pois o quanto antes for detectada, possivelmente a efetividade das medidas tomadas será maior, a fim de corrigir, sanar ou amenizar as dificuldades apresentadas, oportunizando-se assim, uma visão mais humana, direcionada, individualizada e sensível em relação aos alunos em questão, promovendo-se ações que viabilizem e de fato contribuam com o desenvolvimento do processo do saber.

Essa preocupação com a constância de crianças que possuem dificuldades e transtornos de aprendizagem, em especial na fase de alfabetização e letramento, deve suscitar cada vez mais nos estudiosos, pesquisadores, gestores, professores e educadores, reflexões e análises a respeito da problemática, com o objetivo de se amenizar ou sanar esse problema tão preocupante e que prejudica o sucesso escolar e futuro do educando.

Deve-se atentar para o problema, levando em consideração não apenas o conteúdo e planejamento escolar, mas compreender que a aprendizagem é um processo que envolve vários fatores, entre eles os genéticos, biológicos, psíquicos, emocionais, sociais, culturais, pedagógicos, institucionais e familiares. Sendo assim, o problema só será sanado ou amenizado, quando se considera esses fatores e direciona-se um olhar mais humanizado para quem enfrenta o problema.

Somente com essa conscientização e o uso de estratégias metodológicas preventivas, adotadas já na Educação Infantil e Séries Iniciais será possível transformar positivamente esse cenário, dando o suporte necessário ao aluno e principalmente ao professor que é fundamental nesse contexto e deve trabalhar motivado para também poder motivar, acreditando nas possibilidades do aprendiz, valorizando-o e fazendo-o acreditar que ele é capaz, entusiasmando o aluno para realizar tentativas, quantas forem necessárias e compreendendo o seu desempenho como o melhor que ele pôde obter naquele momento, porém, com possibilidades de ser melhorado em outra oportunidade.

O olhar diferenciado do professor, voltado àqueles que sofrem com as dificuldades de aprendizagem passa a ser essencial, pois a forma como encara a dificuldade de seu aluno pode facilitar ou dificultar o seu processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **A psicopedagogia no âmbito da instituição escolar**. Curitiba: Expoente, 2001.

BORDENAVE, J. D; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 28.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: SEESP/MEC, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

BRASIL. **Ministério da Educação. Manual de Orientação do Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais**. Brasília: MEC/ SEESP, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9936-manual-orientacao-programa-implantacao-salas-recursos-multifuncionais&Itemid=30192. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

BRASIL. República Federativa do Brasil. **Constituição (1988)**. Brasília: Planalto do Governo. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 01 novembro de 2022.

_____. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 10 de Novembro 2022

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

PAPA, Fernanda. **INCLUSÃO: UMA MUDANÇA NO OLHAR DA COMUNIDADE ESCOLAR PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA MELHOR INCLUSIVA.** Disponível em: [file:///C:/Users/user/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/INCLMUDANCAOLHARCOMUNESCOLARCONSTRESCOLAMELHORINCLUSIVA%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/user/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/INCLMUDANCAOLHARCOMUNESCOLARCONSTRESCOLAMELHORINCLUSIVA%20(2).pdf). Acesso em: 15 de novembro de 2022.

VIEIRA, Leocília Aparecida; CIRINO, Roseneide Maria Batista. **Avaliação, Orientação e Intervenção Psicopedagógica.** Maringá – PR: Unicesumar, p.21, 2014.

GUIA BÁSICO DA SÍNDROME DE PRADER-WILLI PARA MÉDICOS E DEMAIS PROFISSIONAIS DA SAÚDE. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/Sindrome_de_Prader-Willi_-_Guia_basico_para_medicos_e_profissionais_de_saude.pdf. Acesso em 18 de novembro 2022.

FONSECA, V. da. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 1995.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação.** São Paulo: Editora Atlas, 1987.